O tempo das amazonas

O tempo das amazonas

Marvel Moreno

Tradução de
Silvia Massimini Felilx



A Jacques F.

Vi rostos que a tumba há tempos esconde
E ouvi vozes ouvidas já não me lembro onde

JOSÉ ASUNCIÓN SILVA

1

Gaby decidiu ficar morando em Paris três horas depois de chegar à cidade e sem saber falar uma palavra de francês. Sentada em um banco da Place Paul Painlevé, tinha olhado ao redor e viu um velho jogando migalhas de pão para os pardais e pombos, que não pareciam temer a presença humana. Também viu um garoto lendo um livro e, na frente dele, um casal apaixonado se beijando na boca. Tudo isso era inconcebível em Barranquilla: os meninos de cada bairro formavam gangues para matar os pássaros na mira do estilingue; ler em uma praça teria provocado a hilaridade dos transeuntes, e beijar-se em público, a perda de reputação. Gaby pensou que estava no lugar onde deveria ter nascido por princípio e decidiu se estabelecer ali para sempre. Tinha algumas economias em um banco norte-americano que a ajudariam a sobreviver enquanto aprendia francês e estabelecia contatos para poder exercer sua profissão de fotógrafa. Quanto ao marido, Luis, ele acabaria por compreendê-la. Dissera-lhe tanto que só na França o sucesso se devia ao talento e não às intrigas locais, que sem dúvida aceitaria sua decisão. Havia o problema de anunciá-la a ele, e Gaby olhava pelo canto do olho para sua expressão arisca, a mesma que ele tinha quando foi buscá-la no aeroporto de Orly. Ela ficou feliz em reencontrá-lo, mas, quando chegou ao hotel onde estava hospedada e o viu tirar do bolso do casaco um livrinho bem usado sobre as trinta e duas posições eróticas de alguma religião oriental, percebeu que nada havia mudado. Àquela altura, ela sabia que o sexo exigia um estado de espírito em que a consciência se perdia nos labirintos de um prazer cego e sem nome e cuja essência profunda

nenhum livro poderia revelar. Pensava nisso enquanto Luis a despia apressadamente e a deitava na cama para fazer amor com ela como sempre, com o desejo limitado ao seu membro e nos olhos a mirada angustiada de uma criança diante de uma folha de prova. Agora que o mau momento tinha passado, eles podiam conversar afetuosamente na praça Paul Painlevé, embora Luis conservasse nas pupilas o desconforto do garoto que devolveu a folha de exame em branco. Dizer-lhe que queria viver em Paris lhe parecia a melhor maneira de não ferir seu amor-próprio, mesmo que sem ele Gaby não pudesse conceber a existência e tivesse sofrido desesperadamente durante os meses em que estiveram separados. Parecia-lhe que seu amor por Luis era um tecido de fios contraditórios. Ela o conhecera quando ele era um homem acossado por causa de suas opiniões políticas, pobre, malvestido e sem nenhum charme além do proporcionado por sua formidável coleção de anedotas. Se ele fosse um dos rapazes da alta burguesia que ela frequentava, não o teria notado. Mas o perseguiam: ocupava a terceira posição de uma lista estabelecida pela extrema direita para eliminar pessoas consideradas perigosas no caso de um movimento popular revolucionário. A essa aura de conspirador romântico somava-se o fato de Luis ter passado uma infância infeliz porque perdera a mãe aos oito anos, e seu pai, um homem simpático mas egoísta, tinha se livrado dele ao confiá-lo aos cuidados de suas duas tias que o odiavam. Gaby o ouvira contar tristemente como aquelas solteironas tornaram amarga sua infância, batendo-lhe com frequência e inventando malcriações intermináveis para acusá-lo de desobediência na frente de seu pai, nos poucos domingos em que ele vinha visitá-lo. Em certa ocasião, sua avó materna, doente de câncer, ofereceu-se para cuidar dele, e por dois meses Luis viveu feliz, mas suas tias o levaram de volta sob o pretexto de que o câncer era contagioso, na realidade queriam recuperar o dinheiro que obtinham por sua criação. A partir de então, Luis via a avó às escondidas no ônibus que o levava à escola. Embora não parecesse um homem inclinado a ter pena de si mesmo, ela, Gaby, sentiu que aquela lembrança dilacerava sua alma: um menino com a maleta nos joelhos esperando ansiosamente no ônibus que chegasse o ponto onde sua avó entraria para se juntar a ele. E, no dia em que ela não veio, quando parou de vê-la, disse a si mesmo

que a avó também o abandonara, e ele tinha entrado no obscuro desamparo da solidão. Desde a primeira vez que conversaram, ela, Gaby, teve a impressão de estar diante de um homem corajoso, mas indefeso. Sentados a uma mesa no Country Club, vendo a chuva de agosto cair torrencialmente nos arbustos do pátio interno, eles descobriram que compartilhavam os mesmos gostos literários e opiniões políticas. Gaby achava que estava sonhando: uma pessoa que lia Marx e sabia usar os talheres, um partidário de Che Guevara que gostava de Proust, um esquerdista que se expressava com moderação. E esse era o homem que a burguesia pretendia amordaçar, impedindo-o de trabalhar e ameaçando-o de morte. Quando se separou dele, pensou ter encontrado o homem ideal.

O casamento com Luis, cinco meses depois, fez esse pensamento ruir. Embora não tivesse experiência alguma e sua timidez a impedisse de dizer o que queria, não podia tolerar que a vida sexual fosse reduzida a um ato realizado às pressas e do qual seu próprio prazer estava excluído. Na intimidade, Luis se comportava como um pirata, não violento, nem sequer lascivo, mas simplesmente ocupado em obter sua satisfação o mais rápido possível, sem levar em consideração as débeis mensagens que ela lhe enviava e que um dia, cansada, derrotada, deixou de lhe enviar. Depois, voltou-se para si mesma e o sexo se tornou uma obsessão. Todos os homens que ela conhecia eram passíveis de se tornar seus amantes, cada compromisso de negócios era suscetível de se transformar em um encontro amoroso. Passava o dia sonhando acordada. Trabalhava muito, mas como uma autômata, sem se importar com o que fazia, letárgica pelas miragens do desejo. Em seu coração, ela recriminava Luis por ter usado o casamento para monopolizar seu corpo, dando a ele uma espécie de marca pessoal que excluía outros homens, e, ao mesmo tempo, sentia vergonha de pensar assim. Se ela tivesse sido mais calculista, teria se permitido ter casos extraconjugais, mantendo as aparências a salvo. Mas não podia, era impedida de fazê-lo por algo que chamava de honestidade. Assim, quando conheceu o homem que seria seu primeiro amante, ela não quis dormir com ele antes de pedir permissão a Luis, como haviam concordado em fazer quando eram namorados, no momento em que Luis lhe disse que viveriam à maneira de Sartre e Simone de Beauvoir.

Luis aceitou e no dia seguinte enlouqueceu: telefonou para o pai dele para pô-lo a par da situação e contou toda a história ao jornalista mais fofoqueiro da cidade. Foi aquele escândalo. Ela tentou encarar as coisas sem romper as relações com o amante, pois lhe parecia o cúmulo que, depois de tanto falar de liberdade, Luis fizesse tanto alarde sobre uma aventura simples, destinada a terminar em pouco tempo, sim, mas que ela queria viver até o fim. Cedendo às súplicas de Luis, foi consultar um médico com quem ele havia conversado. Tratava-se de um velho que colecionava borboletas e tinha em seu consultório frascos com fetos preservados em formol. Informado por Luis do que estava acontecendo, o médico quis saber seu ponto de vista, e ela, com franqueza, contou-lhe sobre seu desejo de ter uma vida sexual satisfatória. O médico ouviu-a falar com uma falsa indulgência, como se reconhecesse os sintomas de uma doença qualquer. Para isso, ele lhe disse, havia uma solução: ir para o Panamá, onde um ginecologista amigo dele poderia operá-la, removendo os órgãos internos e externos que intervinham no desejo sexual. Ela ficou apavorada, mas seu horror foi maior quando Luis implorou que ela seguisse essas recomendações. Então, Gaby concordou em ir para Bogotá.

Na véspera da viagem, Luis a levou a um cartório para assinar alguns documentos, em que ela lhe passava os bens que tinham em comum e que lhe pertenciam na maior parte graças ao seu trabalho e a uma pequena herança recebida da avó paterna. Ela ficou surpresa com a habilidade com que Luis havia previsto tudo e pela primeira vez se perguntou se ele era tão indefeso quanto ela pensava. Mas esses pensamentos desapareceram quando ela se viu separada dele, em Bogotá. Então, os aspectos positivos da personalidade de Luis ganharam uma dimensão inusitada. Apesar de seu mau caráter, ele era um homem inteligente e gentil que se movia em um nível intelectual muito superior ao dos amantes que ela teve naquele período. Perdê-lo significava descer ao mundo dos sentimentos medíocres, viver entre frases banais e lugares-comuns. A cultura formidável de Luis era necessária para ajudá-la a analisar filmes e livros. Sentia-se solitária e triste. Adoeceu. Sofria de vertigens que a derrubavam no chão, e mesmo no chão tinha a impressão de cair quicando de um penhasco. Chorava com frequência, a menstruação parou de descer.

No dia em que Neil Armstrong pisou na lua, telefonou a Luis para lhe dizer, chorando, o quanto o amava, e decidiram se encontrar em Paris.

Caminhando agora por Saint Germain, ela se perguntava como iria anunciar a Luis sua decisão de não voltar a Barranquilla. Pois, quanto mais via as livrarias e os terraços dos cafés, aquela bela luz de outono que conferia brilhos dourados aos edifícios, mais se afirmava definitivamente seu desejo de ter saído da Colômbia, como se uma nova vida começasse para ela. Sentia-se livre e tinha muitas coisas para descobrir, especialmente os museus onde estavam expostas aquelas pinturas e esculturas que só tinha visto fotografadas em livros de arte. Uma alegria secreta a dominava diante da ideia de visitar o Louvre e, na banca de jornais da estação de metrô Odéon, comprou um guia dos monumentos de Paris.

Os dois tinham sido convidados a almoçar em um apartamento na Rue de l'Ancienne-Comédie, onde alguns amigos de Luis e Virginia, uma prima dela, tinham combinado de se encontrar. Todos a acolheram com simpatia, como se ignorassem seus contratempos conjugais. Sobre a mesa havia copos brancos de anis, e da janela era possível ver os telhados escuros de ardósia da cidade. Ouvindo-os falar, sentiu-se ignorante. Falavam sobre as últimas exposições e uma comédia musical americana que era o espetáculo do momento. Ela tentava memorizar os nomes de museus, teatros e galerias, prometendo a si mesma que iria visitá-los.

Quando soaram as doze badaladas do meio-dia, Andrés, amigo de infância de Luis, convidou-a para ir com ele ao mercado. Nas bancas da Rue de Buci se amontoavam frutas, legumes e peixes em abundância; havia também flores, e todo aquele conjunto parecia formar uma bela natureza-morta. Ela, que nunca tinha feito compras de mercado em Miami, ficou espantada ao ver tamanha quantidade e variedade de alimentos e a limpeza com que eram apresentados ao público. Viu Andrés escolher com infinita atenção os queijos e vinhos para o almoço. Ele mesmo se encarregou de preparar a comida quando voltaram ao apartamento, e o fez solenemente, como se fosse uma cerimônia sagrada. Andrés, que morava em Paris havia muitos anos, demonstrava por seus comentários a importância que os franceses davam à boa cozinha.

Enquanto comiam, Virginia olhava de relance para a prima. Desde o início ela se surpreendera ao vê-la tão bonita. Gaby havia perdido peso e suas longas pernas pareciam muito finas em botas de camurça cinza. A minissaia lhe dava um ar de adolescente e ela usava os cabelos soltos e lisos nas costas. Aquela forma de pentear o cabelo contrastava tanto com seus coques de antigamente, que ela a associava a um ato de liberdade, como livre se mostrara ao deixar Luis. É claro que, se a mãe de Gaby, Alicia Zabaraín, estivesse viva, não haveria nem sombra de separação. Gaby a temia demais e suportara sete anos de casamento para lhe dar a impressão de formar um casal feliz com Luis.

Alicia Zabaraín sempre olhara com desconfiança para ela, Virginia, e sua prima Isabel, as melhores amigas de Gaby, por serem filhas de mulheres liberais e netas da mesma avó, cujo temperamento festivo havia despertado críticas da cidade. Para a avó, o casamento de seu sobrinho Julián com aquela solteirona azeda Alicia Zabaraín foi decididamente um desastre causado por sua fraqueza de caráter e seu medo de fazer os outros sofrerem. Ele sempre tentava consertar as coisas e, quando seu amigo Armando Zabaraín implorou no leito de morte para ajudar sua irmã, ele não encontrou nada melhor a fazer do que se casar com ela. Alicia Zabaraín não só esqueceu sua generosidade como também nunca o perdoou por sua indiferença ao dinheiro e à vida social. Havia conhecido a opulência na infância e, quando sua família foi à ruína pela falência do banco Dupont, compensou suas dificuldades econômicas sonhando com casamentos dourados. Mais de uma vez aludira diante dela, Virginia, às ilusões perdidas e à mediocridade dos homens sem ambição. Tio Julián não tinha ambições, exceto as muito modestas de aumentar o número de seus livros ou comprar um exemplar raro que por acaso aparecesse no mercado. Como falava e escrevia vários idiomas, mantinha uma relevante correspondência com editoras europeias e norte-americanas que lhe enviavam pelo correio as últimas obras publicadas sobre diferentes assuntos, mas especialmente tratados científicos e filosóficos.

Tio Julián exercia sua profissão de médico em um hospital de caridade onde passava as manhãs e não cobrava nem um centavo, e só atendia em seu consultório à tarde, ganhando o estritamente

necessário para viver. No resto do tempo, ele lia ou inventava remédios milagrosos que nunca tentava comercializar. Assim, certa vez, embalsamou o corpo de um milionário americano que morrera por acaso em Barranquilla e, um ano depois, recebia a visita de um especialista determinado a comprar o procedimento usado a qualquer preço, pois descobrira que o corpo parecia embalsamado para a eternidade. Não lhe vendeu. Também nunca comunicou o conteúdo das fórmulas que um farmacologista amigo seu preparava em segredo, de acordo com suas instruções, e que combatiam eficazmente todas as doenças tropicais. Aquele mago gentil e tímido não tinha armas para se defender da frustração raivosa de Alicia Zabaraín, que o proibira de entrar em sua cama assim que engravidou de Gaby, alegando que seus deveres conjugais haviam terminado com uma criança e que as tentativas de tio Julián de lhe dar prazer eram imundícies condenadas pela Igreja. Tio Julián se retirou para seu quarto, envergonhado por sua intimidade ter sido jogada aos quatro ventos, mas não a deixou, talvez por não querer ser separado do bebê que iria nascer. Ela, Virginia, ouvira a avó contar como Alicia Zabaraín, determinada a ser a melhor mãe do mundo, se recusou a encontrar uma babá para ajudá-la a cuidar da filha. Nem permitia que as empregadas da casa lavassem as fraldas. Nada que chegasse perto de Gaby podia ser tocado por uma mão negra. O racismo de Alicia Zabaraín chegou ao extremo de proibir Gaby, quando era criança, de entrar na área de serviço. Assim, se sua bola rolasse para a cozinha, Gaby tinha de anunciá-lo para a mãe, e Alicia Zabaraín mandava que uma empregada a trouxesse, e a lavava com sabão e secava com uma toalha antes de devolvê-la a Gaby. Por sorte, tio Julián levava Gaby à casa de Virginia e à de Isabel aos domingos. Ele enfiava as três em seu carro e as levava para brincar nos escorregadores e balanços do Country Club ou para se banhar nas praias de Puerto Colombia.

Com tio Julián, elas eram felizes: ele era sempre afável, sempre lhes contava histórias engraçadas. E no fim de cada passeio tirava do porta-malas do carro um presente para cada uma delas: brinquedos, quando eram pequenas, e livros, quando começaram a crescer. Dessa forma, Gaby descobriu que havia outras maneiras de viver. Mas todos os domingos, quando voltavam da rua, Gaby e tio Julián tinham de

enfrentar a ira de Alicia Zabaraín, que acusava o marido de ser responsável por seus infortúnios. Dizia-lhe coisas ferinas, recriminava-o por sua incapacidade de ganhar dinheiro, por não usar suas invenções, por trabalhar de graça em um hospital. Às vezes, ela ia tão longe que Gaby, desesperada, desatava em lágrimas. Então Alicia Zabaraín pegava um cinto e chicoteava suas pernas até tirar sangue. Tio Julián tinha de intervir arrancando o cinto de suas mãos. Talvez por isso, pensava Virginia, seu tio tenha decidido matricular Gaby em uma escola aos três anos de idade, depois de tê-la ensinado a ler e escrever como se fosse um jogo, com blocos de madeira que tinham as letras desenhadas em cores.

A escolha da escola foi um verdadeiro problema, porque Alicia Zabaraín ameaçou se matar se Gaby não frequentasse uma escola religiosa. Tio Julián cedeu, mesmo sendo ateu, pensando talvez que, entre dois males, era melhor escolher o menos grave. No mínimo por nove meses Gaby estaria protegida, pois Alicia Zabaraín não iria açoitá-la, correndo o risco de que a marca dos golpes atrapalhasse sua reputação de mãe exemplar. Para se contrapor aos novos centros de interesse da filha, Alicia Zabaraín descobriu outra forma de dominação: aterrorizá-la. Todas as noites ela ia ao quarto de Gaby sob o pretexto de cantar músicas para ajudá-la a dormir e começava a contar histórias mórbidas sobre sua morte iminente. As histórias variavam, mas sempre giravam em torno do mesmo tema: o falecimento de Alicia Zabaraín depois de uma doença dolorosa ou um acidente, e a solidão de Gaby, abandonada aos caprichos do pai, que não hesitava em se casar com outra mulher e impor uma madrasta a ela. Gaby caía em soluços e, sentindo pena de si mesma, Alicia Zabaraín também chorava. Isso durou vários anos, até que tio Julián, alertado por uma empregada, descobriu como as músicas eram sessões assustadoras e disse à esposa que ou ela mudava seu comportamento, ou ele levaria Gaby para os Estados Unidos e ela nunca mais a veria. A partir daí, a raiva que o marido inspirava em Alicia Zabaraín se transformou em ódio.

Ela, Virginia, não se lembrava de quando tio Julián começou a convidá-la, junto com Isabel, para comerem na casa dele todos os dias. Depois do jantar, Alicia Zabaraín se encerrava no quarto e eles levavam cadeiras de balanço para o terraço do jardim e começavam

a conversar. Tio Julián conversava com elas sobre filosofia e religiões comparadas. Tinha o dom de tornar inteligíveis os conceitos mais abstratos e sabia situar cada sistema de pensamento dentro do contexto social do qual emergira. Sua memória como estudioso lhes permitia reconstruir o passado e viajar no tempo, afastando-as de sua apatia obscura como adolescentes confinadas em uma sociedade que via a cultura como uma ameaça. Tio Julián as projetava no mundo das ideias, sugeria dúvidas e despertava sua curiosidade. E no calor da noite suas palavras pareciam tão luminosas quanto os vaga-lumes que brilhavam na escuridão do jardim. No entanto, submetida à influência de sua mãe, bem como à das freiras da escola, Gaby era católica e, apesar de suas muitas leituras, tentava conservar suas ideias religiosas, alegando que a mensagem de amor do cristianismo constituía uma elevação na espiritualidade do homem. E a Igreja, acreditava, sempre protegera essa mensagem. A descoberta da Inquisição arrancou os véus de sua ingenuidade.

Quando Gaby completou treze anos, tio Julián convidou-a, na companhia de Virginia e de Isabel, para passar um dia em Cartagena das Índias. Pela primeira vez viajavam de avião e tinham a impressão de deixar a adolescência para trás. A cidade as fascinou. As casas coloniais eram tão bonitas, as colunatas tão clássicas, as igrejas tão solenes. Ouvindo tio Julián falar enquanto caminhavam pelas muralhas do Forte de San Felipe de Barajas, pareciam ver galeões protegidos por navios de guerra recuando sobre o mar, veleiros de piratas sem lei apareciam no horizonte, os sinos tocavam, os canhões trovejavam, a cidade ardia: cheirava a pólvora e sangue. Na Plaza del Reloj, as fogueiras zumbiam nas costas dos escravos africanos que construíam os muros. E, no palácio onde dormiam os instrumentos de tortura do Santo Ofício, a voz de tio Julián lhes evocava as infames masmorras, o barulho das correntes e os gritos daqueles homens que morriam porque uma religião perdera a alma para exercer o poder. As convicções de Gaby se fraturaram como se tivessem sido atingidas por uma pedra. Ela teve de inventar uma moral secular, como seu pai fizera, e a solidão de pessoas que vivem sem o conforto intelectual de qualquer ideologia.

Ela, Virginia, achava que Gaby havia aderido ao marxismo anos depois, não enquanto estudava História em uma universidade em

Bogotá, e sim mais tarde, quando descobriu a miséria trabalhando como fotojornalista para o dono de um jornal local, anarquista e jovial, um velho amigo de seu pai. Ninguém sabia de onde vinha sua paixão pela fotografia, mas, de qualquer forma, isso a ajudava a criar um mundo próprio, do qual sua mãe havia sido excluída. Alicia Zabaraín pareceu perder a pouca compostura que ainda tinha quando Gaby foi estudar em Bogotá. Durante as férias, ela descontava a raiva que acumulara contra a filha durante meses, acusando-a de levar uma vida licenciosa na capital. Ao mesmo tempo, insultava tio Julián, cúmplice daquele afastamento, e mais uma vez se acreditava vítima de suas conspirações e chorava deitada em uma cama. Assim como o pai, Gaby não tinha forças para lutar contra aquelas explosões de loucura. Tentando acalmá-la, passava horas ouvindo seus monólogos e esfregando sua testa com um lenço embebido em álcool. Assustada, esperava a chegada do pai, pois então Alicia Zabaraín levantaria da cama para cobri-lo de humilhações e sarcasmo sem que ele, já doente, prematuramente envelhecido, tentasse se defender. Gaby lamentava vê-lo tão humilhado e se sentia culpada por não ficar a seu lado abertamente. Só muito tarde da noite, quando Alicia Zabaraín estava dormindo, ela escapulia até seu quarto e falava com ele em voz baixa, às vezes até o amanhecer. Provavelmente tio Julián, que passara a juventude na Europa, a incentivava a conhecer outros mundos. De qualquer forma, quando morreu, Gaby havia terminado seus estudos universitários e pretendia ir para o México e ingressar em uma faculdade de Sociologia.

A morte de tio Julián deixou Gaby arrasada. Toda o seu arcabouço intelectual composto de ideias e racionalidade se mostrou inútil contra a tristeza que oprimia seu coração. Além disso, com a morte de tio Julián, ela não podia deixar a mãe. Resignava-se, portanto, a se tornar uma solteirona, pois não tinha interesse nos homens da burguesia local, vivendo dos aluguéis de algumas casas que sua avó paterna lhe deixara. Passava as noites lendo no antigo quarto do pai e se levantava ao meio-dia para tirar fotos que ela mesma revelava, as quais Virginia achava de boa qualidade. Foi então que o jornalista amigo de seu pai a contratou para escrever reportagens que a levaram a uma viagem pela Costa Atlântica. E foi assim que ela entrou em contato com a

miséria, não a descrita em romances e livros de história nem a que aparecia como conceito na obra de Marx. Não, a pobreza real, a das crianças famintas, a das mulheres aos trinta anos, a dos camponeses explorados até a morte. Apesar de ter sido vacinada pelo pai contra qualquer ideologia, Gaby se tornou sensível ao pensamento esquerdista. Na volta de uma dessas viagens, conheceu Luis e o rumo de sua vida mudou de repente.

Depois do almoço, a conversa se tornou animada e girou em torno da política colombiana. O assunto não interessava a Andrés, que conhecia muito bem as opiniões de cada um de seus amigos. Em vez disso, tentava entender por que Luis havia se reconciliado com Gaby. Conhecia Luis desde criança. Luis era filho do primeiro casamento de Álvaro Sotomayor, playboy e grande jogador de polo, que cometera a imprudência não de engravidar sua secretária, mas de tê-lo feito sabendo que a moça tinha um irmão intratável, um certo Gilbert que, assim que soube da situação, foi atrás de Álvaro em seu escritório, com um revólver nas mãos, enfiou a arma nas costas dele e o levou para a igreja onde um padre complacente celebrou o casamento. Furiosos, os membros da aristocracia de Bogotá deixaram o casal à margem da sociedade. Como a família cortou o dinheiro recebido dos aluguéis, Álvaro Sotomayor foi obrigado a trabalhar pela primeira vez na vida e, sob a influência de Gloria, sua esposa, ele se endividou para comprar uma fábrica de cimento, na qual Gloria começou a trabalhar de dia e grande parte da noite até finalmente chegar ao topo. Orgulhava-se de que, graças ao seu esforço pessoal, Álvaro Sotomayor conseguira demonstrar a todos sua capacidade de ter sucesso sozinho. Ele sentia falta dos belos cavalos, das poltronas macias do Jockey Club, onde os serviçais caminhavam discretamente carregando copos de bom uísque em bandejas de prata e os sócios se reuniam no fim da tarde e conversavam baixinho sobre os acontecimentos do dia. Ele precisava de jogos de polo, quando se apresentava diante de espectadoras vestidas pelos melhores estilistas de Paris e que envolviam o delicado pescoço em estolas de vison. E dos fins de semana passados na casa de campo de um amigo, observando o pôr do sol sobre a cordilheira carregada de nuvens.

Álvaro Sotomayor não era rico. Os cavalos que montava quando jogava polo pertenciam a um tio sem herdeiros, que se orgulhava muito de ter como sobrinho um dos homens mais bonitos e ilustres da cidade. Na adolescência, seu tio o enviara para estudar em Oxford, onde tudo que aprendera foi se vestir bem e cultivar boas maneiras, rompendo definitivamente os laços que o uniam à mãe, honesta, mas de origem duvidosa, outro casamento ruim que havia consternado a família. O tio de Álvaro Sotomayor conseguiu convencê-la a deixá-lo encarregado da educação do filho, quando ela já era viúva e decidiu se casar com um homem do mesmo nível social. Desse casamento nasceram duas filhas feias e rancorosas, mas cegas de admiração pelo meio-irmão, que fazia tanto sucesso social. Nunca perdoaram Gloria por ter se apaixonado por ele e se alegraram quando ela morreu de septicemia causada por uma apendicite aguda e não tratada a tempo. Quando Álvaro Sotomayor a levou à clínica depois de três dias de dores excruciantes, Gloria já estava com as unhas pretas pela infecção que corroía seu corpo. Foi um caso de negligência. Talvez feliz por recuperar sua liberdade, Álvaro Sotomayor encarregou suas irmãs de cuidar de Luis, e seis meses depois se casou com uma herdeira quinze anos mais nova que ele, muito bonita e neurótica, cuja fortuna lhe permitiu comprar cavalos para jogar polo e se reconciliar com o tio que tanto condenara seu casamento.

Tudo estava em ordem, mas a nova esposa detestava Luis tanto quanto as tias, e o menino de oito anos se viu cercado por mulheres hostis que envenenavam sua existência. Na opinião de Andrés, Luis tivera a coragem de desprezar o que as pessoas diziam, disso já tinha dado um bom exemplo ao fazer as pazes com Gaby, e rebelde havia sido desde criança, quando enfrentava de punhos erguidos os outros alunos de San Bartolomé que zombavam dele porque estava sempre malvestido e tinha buracos na sola dos sapatos. Quando se formou, muito jovem, talvez quinze anos, decidiu ir para Paris e pagou seus estudos trabalhando. Nunca pediu um centavo ao pai. Estava acostumado com a pobreza e ainda era pobre quando conheceu Gaby. A partir daí, sua vida mudou. Gaby provavelmente lhe deu dinheiro para comprar a filial de uma agência de seguros e, graças aos seus contatos, ele conseguiu as melhores contas da cidade. De repente,

perdeu a aparência de cachorro magro para adquirir ares de empresário. Ele, Andrés, ficou satisfeito por vê-lo tão seguro de si mesmo, e secretamente grato a Gaby por ter permitido que Luis alcançasse a prosperidade. Mas tudo tinha um fim, e Luis reencontrara as ansiedades da infância.

O apartamento na Rue de l'Ancienne-Comédie pertencia a ele, Raúl Pérez. Seu pai havia comprado a fábrica de cimento de Álvaro Sotomayor depois da morte de Gloria, tornando-a, graças ao seu trabalho, a mais importante do país. Quando ele a herdou, foi todo um empreendimento que lhe permitiu se tornar milionário em poucos anos e que teria continuado a administrar se não tivesse tido o ataque cardíaco cuja lembrança ainda o fazia estremecer. A proximidade da morte mudara sua percepção das coisas da vida. De todos os amigos de Luis ali presentes, ele era, acreditava, o único que havia aprovado sua decisão de se reconciliar com Gaby. Os preconceitos sociais pouco importavam quando o amor estava em jogo. E, sem dúvida, Gaby o amava. Ele a encontrara por acaso em uma rua de Bogotá nos dias de sua separação. Magra, com olheiras, a expressão de doente, ela fingiu não vê-lo, mas ele a agarrou pelo braço e a levou para almoçar em um restaurante. Comeu como um passarinho. Embora não fosse muito dada a confidências, parecia impressionada com a forma como Luis se apropriara de seus bens, levando-a a um cartório sob o pretexto de assinar uma procuração e depois, quando menos esperava, tirando de uma pasta, à maneira de um ilusionista, outros documentos que lhe conferiam a posse de tudo que tinham em comum. Gaby lhe disse que até o tabelião tinha feito um gesto de surpresa e que ela tinha rido, talvez em um momento de histeria passageira, tão escandaloso lhe parecera o comportamento de Luis. Mas um instante depois ela o desculpou, explicando a ele, Raúl, que Luis precisava se sentir protegido por causa da falta de segurança que tivera na infância. Gaby parecia prestes a explodir em lágrimas. Enxugou os olhos com os dedos, e então pôs uns óculos escuros que mal escondiam sua expressão desolada. Ele a fez prometer que eles se veriam novamente e assim pôde acompanhar passo a passo os estágios de seu desespero. Apesar dos bons momentos que passara com a esposa, Carmen, durante os primeiros anos de casamento, ele não acreditava que a liberdade sexual

fazia as mulheres felizes: elas precisavam ser amadas, e o egoísmo dos jogos eróticos excluía a ternura, o afeto essencial para enfrentar os problemas da existência dia após dia. Carmen havia se mostrado exemplar quando ele teve aquele infarto. Passou uma semana sem dormir, cuidando dele na clínica, e depois aceitou que suas relações conjugais desaparecessem. Seu médico tinha sido categórico: sem sexo, sem álcool, sem trabalho. Ele precisava eliminar tudo que era fonte de angústia ou excitação. Já seguia esse regime há quatro anos e aplicava o dinheiro em investimentos seguros que dariam a Carmen e sua filha, Olga, uma boa renda se outro ataque o levasse deste mundo.

A filha lhe dava trabalho com os problemas da adolescência. Estava em franca rebelião contra sua mãe, que não tolerava seus modos libertinos nem a raiva que sentia em relação a eles. Raúl tinha comprado aquele apartamento na Rue de l'Ancienne-Comédie para que ela tivesse um lugar para ficar se finalmente decidisse vir estudar em Paris. Gostaria que Olga fosse tão culta quanto Gaby, que estudara História e podia acompanhar qualquer conversa. Pois, dissessem o que dissessem, Gaby tinha uma grande inteligência e só lhe faltava maturidade psicológica, a capacidade de penetrar em si mesma e se perguntar a razão de ser de seus sentimentos. Raúl a adquirira depois do ataque cardíaco, mas talvez fosse impossível pedi-la a uma mulher de trinta anos que se deixava levar pelos altos e baixos da vida: três meses atrás chorava em Bogotá e hoje sorria com uma ingenuidade radiante, sem imaginar os problemas que a aguardavam ou compreender que suas relações com Luis nunca mais seriam as mesmas.

Luis estava feliz. Os licores, os vinhos e o conhaque cor de âmbar que ele agora saboreava haviam dissipado suas apreensões. Cercado pelos amigos, ele recuperou a autoconfiança e sentiu que a separação de Gaby tinha sido apenas um pesadelo, algo que não tomara corpo nem forma e que ele mal sabia nomear. Parecia-lhe inacreditável que tivesse sofrido tanto. De vez em quando, a lembrança do dia em que Gaby anunciou seu desejo de dormir com outro homem chegava até ele e uma lufada de pânico corria por sua alma. Sentia seus batimentos cardíacos acelerarem, uma súbita dor nas têmporas e o desejo insensato de que Gaby morresse. Teria ficado menos angustiado se, em vez de abandoná-lo, Gaby tivesse morrido. Sua morte teria despertado

a compaixão de seus amigos e não aqueles olhares fugazes que ele pensava notar em todos quando ia ao seu escritório e descia a avenida Olaya Herrera. Até a secretária, parecia-lhe, evitava seus olhos. Gaby o acusava de ter feito por si mesmo o escândalo, ao lançar seu caso de amor ao domínio público, mas, em uma cidade como Barranquilla, mais cedo ou mais tarde isso teria sido conhecido e, em qualquer caso, ele teria passado por um idiota. Uma coisa era falar sobre a liberdade do casal e outra era praticá-la.

Mas o que mais o magoava era a indiferença de Gaby com sua dor. A garota ingênua que conhecera no Country Club, a esposa amorosa que vendera uma parte de sua herança para permitir que ele comprasse uma agência de seguros, de repente exigira ferozmente sua independência e o direito de viver sua sexualidade ao máximo. Ele estava tão apavorado que mal conseguia acreditar. Nem mesmo entendia o que aquilo significava. Nunca se perguntara se Gaby sentia alguma coisa quando eles faziam amor, e teria até ficado chocado se ela sentisse algo, tão indecente o assunto lhe parecia. Gaby era para ele uma ninfa imaculada, alheia à baixeza do mundo e aos desejos que escorriam dos corpos dos homens. Mas ela lera Marcuse, descobrira as teorias de Reich e um belo dia sentira-se privada de uma parte de si mesma, amputada, dissera-lhe, sem levar em conta a dor que isso lhe causava. Sim, teria preferido vê-la morta. Pelo menos foi o que ele sentiu desde o momento em que ela lhe anunciou suas intenções e até quando partiu para Bogotá. Durante esse mês, tinha discutido com ela dia e noite tentando convencê-la a abandonar seu amante e passar uma borracha em tudo, mas o outro a chantageava falando sobre sua infância miserável em um bairro pobre da cidade e os fracassos de sua vida. Gaby sentia pena dele e evitava machucá-lo. Nem a ele, Luis, queria fazer sofrer. Era como um são-bernardo postado entre dois homens em perigo, sem saber qual dos dois salvaria. Ele ficava furioso porque sua dor tinha um rival e que Gaby concordasse em compará-la com a do outro, como se sete anos de casamento não pesassem muito na balança. Aquilo lhe parecia imperdoável. Sentira-se da mesma forma quando a avó parou de entrar no ônibus que o levava à escola. Ninguém se deu ao trabalho de lhe dizer que ela tinha morrido e, durante meses, ele acreditou que a avó o esquecera.

E trinta anos depois voltaram os sentimentos de dúvida, aquela impressão de solidão que tivera ao longo da vida e que só desapareceu quando se casou com Gaby.

Desde que chegara ao apartamento na Rue de l'Ancienne-Comédie, Florence tentava descobrir quem, entre os latino-americanos presentes, era Gaby, a mulher que cometera o mesmo erro que ela cometera na juventude, revelando ao marido que tinha um amante. Claro, seu caso tinha sido mais dramático porque ela estava grávida e seu marido, um piloto da Air France, sem-cerimônia a jogou na rua. Naquela época, ela não sabia se sua mãe estava viva ou morta e não havia ninguém para ajudá-la. Ela conhecia esse sentimento de desamparo desde muito jovem, quando, em Casablanca, seu pai a enfiou em um carro para levá-la a Argel às escondidas e separá-la definitivamente de sua mãe, que queria se divorciar dele e se casar com outro homem. Assim começou a rodada de empregadas que cuidavam dela e que seu pai despedia justamente quando Florence começava a amá-las. Para distraí-la, seu pai não encontrava nada melhor do que mostrar seus filmes de terror, porque, no fundo, gostava de aterrorizá-la. Foi com um sentimento de libertação que se casou com o piloto da Air France aos dezessete anos e veio morar em Paris, fugindo para sempre da perversão de seu pai, a quem nunca mais tinha visto. E teria levado uma vida feliz se três anos depois não tivesse conhecido López, o arquiteto colombiano discípulo de Le Corbusier, que a seduziu em uma festa sem lhe dizer que era casado. Para ela, López era uma grande paixão, e não tomava nenhum tipo de precaução. Quando anunciou a gravidez, ele se limitou a beijá-la na testa e dizer que a amava. Convencida de que iria morar com ele, contou a verdade ao marido, que não hesitou por um instante em botá-la para fora do apartamento, impedindo-a de pegar suas roupas. Com o que tinha no corpo e cinco bilhetes de metrô, foi procurar López e descobriu que nesse mesmo dia ele tinha partido para a Colômbia com a mulher e o filho. Andrés, cujo pai era então embaixador na Unesco, deu-lhe a notícia: parecia sinceramente comovido e lhe ofereceu uma quantia em dinheiro, que ela não quis aceitar por orgulho. Durante dias vagou pelas ruas de Paris, sem comer, dormindo como sem-teto no metrô ou embaixo de uma ponte. Todos os amigos que conhecera quando estava casada

lhe fecharam as portas. No sexto dia, e por simples acaso, encontrou uma amiga de sua mãe, que lhe deu hospedagem e dinheiro para fazer um aborto. Ela quase morreu e depois pegou uma infecção tão terrível que a deixou estéril.

Mas havia reencontrado a mãe e finalmente tinha uma casa. A partir de então, a mãe e sua irmã nascida do segundo casamento começaram a procurar um marido para ela, um homem divorciado ou viúvo, mas de qualquer forma com filhos para que não desse importância à sua esterilidade. Finalmente encontraram Pierre, um dos executivos mais bem-pagos da França, cuja esposa havia cometido a mesma imprudência que ela, abandonar a família acreditando que seu milionário cubano deixaria a sua para se casar com ela. Pierre precisava de uma mulher para cuidar da casa e receber seus amigos, a única coisa que ela sabia fazer perfeitamente, pois durante os dois anos em que viveu com sua mãe aprendeu os segredos da vida mundana. Mas conseguir se casar com Pierre tinha sido um verdadeiro feito, tão desconfiado se tornara depois da história do cubano, e seu advogado e o de sua mãe discutiram por três meses antes de chegar a um acordo: com a morte de Pierre, ela receberia metade de seus bens, desde que nunca fosse infiel a ele. E, apesar disso, ela vinha saindo com López nas últimas semanas, aproveitando uma viagem de Pierre ao exterior. López havia conseguido seu número de telefone através de Andrés, a quem via sempre que vinha a Paris, e tivera a coragem de ligar para ela em casa para convidá-la para um chá no Crillon. Ouvir sua voz e sentir uma chama no íntimo foram a mesma coisa. Tomou banho tremendo de emoção e correu para o cabeleireiro, onde a maquiaram e pentearam, tirando o melhor partido de sua beleza. Quando entrou no Crillon vestida com seu melhor traje e sapatos de pele de crocodilo, viu um brilho de admiração nos olhos dos funcionários. López a esperava junto à recepção. Continuava o mesmo: tinha os cabelos desgrenhados e o olhar intenso de um homem que conhece bem as mulheres. Como forma de cumprimento, ele beijou sua mão e ela acreditou por um momento que suas pernas iam parar de sustentá-la. Ele não estava hospedado no Crillon, mas em uma água-furtada em Saint-Michel, e para lá a levou sem sequer ter tomado uma xícara de chá. Eles se amaram até a exaustão, em silêncio e com violência. Ela

descobria novamente a maravilha de ter um corpo e senti-lo vivo. Parecia-lhe recuperar a juventude e estar pronta para qualquer aventura. Lágrimas de gratidão corriam por seu rosto coberto de suor. Tudo que ela havia reprimido durante aqueles anos de casamento foi despedaçado. Seus esforços para fazer economias com o dinheiro que Pierre lhe dava semanalmente e que ela guardara em um banco lhe pareciam mesquinhos, medíocre seu orgulho de anfitriã, depreciável sua ânsia de limpar o apartamento até que ficasse tão brilhante quanto um cálice de cristal.

López tinha outros valores. Ela descobriu isso quando foram comer frutos do mar à meia-noite e ele a deixou pagar a conta. Durante quinze dias jantaram nos melhores restaurantes de Paris e ele não gastou um tostão. A mesma obstinação com que poupara franco após franco Florence usava agora para dar presentes a López. Ele não lhe pedia nada, mas ela não resistia à tentação de comprar os objetos que o deixavam embasbacado em frente às vitrines: camisas, gravatas de seda, canetas, uma câmera fotográfica e, por fim, um conjunto de malas Vuitton para que ele pudesse guardar os presentes. Depois de duas semanas, eles não faziam mais amor e o tempo era gasto visitando lojas. Embora não tivesse um centavo em sua conta bancária, ela se sentiu muito orgulhosa no dia em que López enfiou as miseráveis vestimentas que havia trazido de Bogotá em um saco de papel e as jogou fora. López ganhava pouco dinheiro porque ninguém se atrevia a executar seus projetos arquitetônicos ousados, mas lhe dissera: "Vamos envelhecer juntos em Maiorca", e ela se sentira tão comovida como se ele a tivesse pedido em casamento. Ela não precisaria do dinheiro de Pierre e poderia mandá-lo para o inferno quando, dentro de poucos anos, López viesse buscá-la. Enquanto isso, tinha de frequentar seus amigos, aqueles latino-americanos agora reunidos em um apartamento na Rue de l'Ancienne-Comédie.

Desde a chegada de Florence, todos começaram a falar francês por cortesia, e ela, Gaby, não entendia uma palavra da conversa. Assim isolada, ela pôde se lembrar de seus últimos meses na Colômbia, quando seu corpo ardia de paixão em meio ao remorso que lhe carcomia a alma. Eduardo, sua última aventura, tinha sido um amante maravilhoso e, se ela não amasse tanto Luis, teria se casado com ele.

Havia um problema: Eduardo queria uma família e ela não procurava viver como uma esposa rodeada de filhos. Não queria ser mulher de ninguém nem tinha medo da agitação inerente à liberdade. Estava disposta a pagar o preço da independência, nem que tivesse de trabalhar como babá ou empregada. O importante era que lhe sobrasse um tempo para a fotografia e pudesse deixar um testemunho do mundo em que vivia. Queria imobilizar aquilo que era fugaz e dar consistência ao efêmero. Muitas vezes sentira uma tristeza infinita com uma imagem que via por um momento, sabendo que estava condenada a desaparecer. Fixá-la graças a uma câmera era evitar que caísse no esquecimento, resgatá-la daquele abismo sem fundo em que as recordações humanas se perdiam.

Quando criança, contemplar os daguerreótipos dos mais velhos a invadia de nostalgia. Sua bisavó era aquela linda moça com um vestido de renda e uma fita ao redor dos cachos de cabelo? E muito mais tarde, em um medalhão de ouro, apareciam seus dois filhos adultos. E trinta anos depois, em uma fotografia que Virginia guardava como tesouro, o retrato de seu tio Eduardo, o dom-juan, o cosmopolita que viajara o mundo inteiro seduzindo mulheres e escrevendo o diário de suas aventuras amorosas. Três gerações que pela magia da fotografia se reuniam, apagando os limites do tempo e permitindo que ela entrasse no passado.

Seus olhos tinham visto muitas coisas que sua memória esquecia, certos entardeceres em frente ao mar, certos rostos de velhos pescadores cujos olhares expressavam infinita sabedoria. Agora mesmo, gostaria de fotografar o grupo de amigos reunidos naquela sala, fixando uma cena que nunca mais aconteceria. As paredes estavam recém-pintadas e nuas. Além dos copos e cinzeiros e da garrafa de conhaque não havia mais nada sobre a mesa, mas a atmosfera era cálida e dentro de uma hora cada um seguiria seu próprio caminho, esquecendo aquele momento que ela lembraria para sempre.

Durante toda a sua vida, Gaby havia se surpreendido com a leviandade das pessoas que viviam no presente sem se importar que ele pudesse se tornar o passado. Tinha um álbum na cabeça que folheava todas as noites antes de adormecer. Lembrava-se das tardes que passara com Isabel e Virginia em Puerto Colombia, quando seu pai as

levava para nadar no mar. Na época, seu pai era jovem, pelo menos não tinha a expressão abatida dos últimos anos, resignado a suportar as injúrias de sua mãe, que o odiava, e acossado por aquele enfisema que o levou ao túmulo.

Seu pai jamais lhe falou sobre sua doença. Uma vez o surpreendera de pé no meio-fio, respirando com dificuldade, apoiando a mão na mureta com um lampejo de pânico nos olhos geralmente serenos. Talvez naquele momento ele tivesse entendido o quão perto estava da morte, e ela, em vez de abrir o coração, fazendo-o sentir que compartilhava seu medo, fingiu não perceber seu desespero e lhe fez uma pergunta banal, que ele, por pudor, respondeu no mesmo tom leve.

Desde então, não conseguia se livrar de um vago sentimento de culpa. Parecia-lhe que havia estágios na dor humana em que os homens estavam completamente sozinhos, sem ninguém tentando ajudá-los a carregar sua cruz. E isso se chamava egoísmo. As pessoas se escondiam atrás de frases e atitudes convencionais para conservar sua tranquilidade e evitar ajudar os outros em seu sofrimento. Em parte por isso, para compensar sua falta de solidariedade com o pai, ela tentara dar a Luis tudo o que ele podia querer, silenciando seus próprios desejos até que ele se sentisse capaz de caminhar por conta própria. A reação de Luis quando ela anunciou sua decisão de ter uma aventura amorosa a deixou atordoada. Luis a considerava propriedade dele. Através de suas palavras, ela mergulhou em sua mente em busca de um sentimento de amor, mas só encontrou vaidade infantil e um impulso de destruição dirigido contra ela. Sua paciência e ternura não serviram para nada durante todos aqueles anos de casamento. Como ele mesmo disse, preferia vê-la morta. Será que ele realmente pensava assim? Sim, sua morte teria permitido que Luis se sentisse menos infeliz, salvaguardando seu amor-próprio. Em nenhum momento ele havia pensado nela, naquele corpo que com o passar do tempo se recusava a continuar sendo usado. Toda vez que Luis fazia amor com ela, Gaby se sentia humilhada no mais fundo de sua intimidade, como se uma parte de si fosse rejeitada com um asco secreto, condenada ao exílio dos leprosos. Luis pensava que a leitura de Marcuse e Reich a induzira a se rebelar, quando esses autores não fizeram nada além de lhe permitir formular uma impressão que

sentira na primeira noite de seu casamento. Ela acreditara, então, que todos os homens se comportavam de maneira semelhante e, de certa forma, resignou-se, aquietando as exigências de seu corpo. Mas, quando Virginia lhe emprestou o diário de seu tio Eduardo e, quase em seguida, ela conheceu o prazer nos braços de outro homem, descobriu que não era frígida, como pensara durante anos, mas que seu desejo despertava aos poucos e exigia uma certa atitude mental por parte do companheiro, justamente a intenção de lhe dar prazer. Só assim conseguia se libertar de suas inibições e palpitar no ritmo da paixão, recuperando a totalidade de seu ser. Ao contrário de tudo o que lhe fora ensinado quando criança, a volúpia podia se tornar uma sensação quase metafísica, algo que em um ínfimo instante lhe permitia se reconhecer e se definir de maneira absoluta. Como conciliar essa descoberta com o amor que sentia por Luis? Pois ela o amava e sem ele era infeliz. Entre a emoção e o afeto, havia escolhido o segundo, e nunca mais teria relações com outro homem, mesmo que ficasse em Paris para exercer sua profissão de fotógrafa.

Um pouco tonta do conhaque, Virginia pôs o copo sobre a mesa e decidiu que pararia de beber. Lina, uma prima distante que a iniciara no comércio de arte, também a ensinara a se comportar em sociedade. Quando chegou a Paris, ignorava as regras do mundo no qual ia trilhar seu caminho, um mundo em boa parte noturno, onde o início e o fim dos negócios eram discutidos em um bar de luxo ou à mesa de um restaurante da moda com drinques que era preciso beber sem nunca ficar bêbado. Manter a mente lúcida era o lema de Lina, e ela o seguiu à risca. Raúl e Gaby não tinham bebido e Luis parecia bêbado. Falava muito, como de costume, contando histórias engraçadas sem dar tempo para os outros expressarem suas opiniões. Acumular a palavra era parte de seus defeitos, ou talvez fosse o prolongamento de uma velha maneira de vencer sua timidez. De qualquer forma, era impossível discutir com ele, e a conversa, a princípio animada, havia se tornado um monólogo. Muitas vezes ela tinha visto Gaby como agora, oprimida por essa falta de educação. Devia haver duas ou três pessoas no mundo cujas ideias interessavam a Luis, mas ela, Virginia, não as conhecia. Só uma vez o vira prestar atenção na história de um etnólogo, seu ex-colega de Ciências Políticas, que viera diretamente

da selva amazônica para sua casa em Barranquilla, ainda barbudo, feliz por ter encontrado uma tribo de homens tão primitiva, que nem sabiam usar as mãos em concha para levar a água do rio à boca e bebiam como os animais. Mas esses mesmos homens choraram de emoção quando o etnólogo os fez ouvir uma gravação de um concerto de Mozart. Se para despertar o interesse de Luis era necessário ir até o fim do mundo e entrar em contato com selvagens, Gaby estava condenada a permanecer em silêncio pelo resto da vida. Na realidade, todas as ações de Luis tendiam a diminuí-la, a negar seu prazer, a afastá-la da fotografia, a criticá-la por comer, a impedi-la de falar, como se no fundo ele estivesse tentando anulá-la e, de certa forma, destruí-la. Com ela e Isabel, Gaby era outra. De imediato recuperava o senso de humor, abandonando aquela vaga tristeza a que o comportamento de Luis a confinava. Falava-lhes de livros, filmes e arte com verdadeiro entusiasmo. Seu espírito crítico só era embotado quando se tratava de discutir sua situação. Então ela parecia perder sua faculdade de raciocínio e falava de seu amor por Luis utilizando termos que ela e Isabel sabiam de cor. O que ia fazer agora que as coisas tinham mudado?

— Gaby — ela disse em voz alta —, quais são seus planos?

— Ficar em Paris — respondeu Gaby sem hesitar.

Houve um silêncio atônito. Luis empalideceu e Virginia ficou sem palavras.